

MERCADOS

Copom não surpreende e mantém Selic

BC deixa taxa em 26,50% ao ano para atingir meta de inflação de 2004, estipulada em 5,5%

Chrystiane Silva
de São Paulo

Apesar do intenso debate provocado por políticos e empresários, incluindo banqueiros, que esperavam uma redução imediata, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central (BC), manteve os juros básicos da economia em 26,5% ao ano, sem viés (tendência que permite alterações na taxa antes da próxima reunião). Para o mercado financeiro, a decisão reforçou a credibilidade e a austeridade do governo — e seu objetivo de perseguir a meta de inflação traçada para este ano. Para a economia real, a decisão pode significar mais obstáculos para a retomada do crescimento.

Depois de dois dias de reunião, os diretores do BC votaram por unanimidade. Em nota divulgada após o encontro, eles informaram que, “aos sinais de que a política monetária começa a obter resultados no combate à inflação, o Copom avalia que a consolidação da queda da inflação depende da manutenção desse esforço”. Os motivos que levaram à decisão só serão explicados na ata que será divulgada na próxima semana.

Aconteceu o que já era predominantemente esperado no mercado financeiro. Apesar do recuo recente, a inflação ainda não deu sinais consistentes de queda. A inflação ao consumidor está acumulada em 6,15% até abril. O resultado já é 72% do previsto para o ano (8,5%). “Essa reunião foi importante para restabelecer a credibilidade do Copom, embora a atividade econômica deva continuar parada”, disse o economista do BankBoston, Marcelo Cypriano.

Cortes nos juros só devem ocorrer em junho ou mesmo em julho. “Vai ser preciso acompanhar a desaceleração dos preços livres e verificar se a inércia inflacionária chegou ao fim”, disse o economista do ABN Amro Asset Management, Aquiles Mosca. Mesmo se a inflação continuar em queda e os juros forem reduzidos, não haverá efeitos práticos para a inflação e para a economia ainda neste ano.

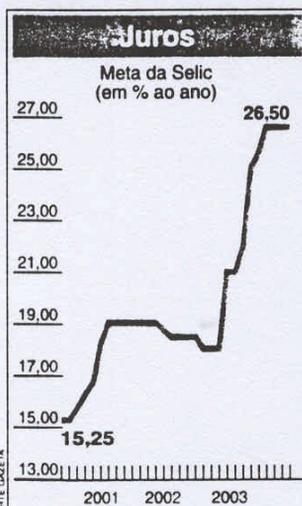
Para o economista do Banco Modal, Alexandre Póvoa, apesar da pressão pelo corte nos juros nos próximos meses “ainda é pouco recomendável o afrouxamento da política monetária”. As alterações nas taxas de juros demoram cerca de três meses para ter efeitos sobre a economia real e seis meses para impactar a inflação. “Este ano a inflação ficará acima da meta, mas será um ano para preparar as condições para crescer em 2004 e atingir a meta de inflação”, disse o economista da Sul América Investimentos, Newton Rosa.

A manutenção dos juros pelo terceiro mês seguido deve fazer com que o crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) não ultrapasse 1,5%. “É melhor crescer menos, mas de forma saudável, do que crescer mais de forma não sustentável”, disse o consultor independente, Luiz Costa Rego.

Consumidor

A estabilidade dos juros não deve trazer alterações ao consumidor e a Fenacrefi (Federação Nacional das Empresas de Crédito, Financiamento e Investimento) considerou a decisão acertada. Já a Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP) criticou a distância entre a taxa básica de juros e as taxas cobradas aos consumidores e empresários. O presidente da entidade, Abram Szajman, disse que não é possível aceitar que, “apesar de a Selic estar em 26,5%, os juros para o consumidor cheguem a 240% ao ano”. Além disso, a manutenção dos juros derruba em mais de 15% a renda dos trabalhadores, de acordo com o estudo elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O presidente do grupo Gerdau, Jorge Gerdau, disse que como empresário tem de esperar. “Quero que os juros caiam porque são recessivos, mas entre inflação e juros prefiro que a inflação acabe”, protestou. Já o ministro do Planejamento, Guido Mantega, afirmou que acredita que os juros devem cair em breve, mas é preciso ter paciência. “O Brasil passou por momentos delicados, mas não po-



Fontes: Banco Central e Centro de Informações da Gazeta Mercantil

dem ser precipitados. O governo FHC fez uma política monetária excessivamente ortodoxa, exagerou na taxa de juros ao longo dos oito anos do governo, praticando juros reais de 40% ao ano. Ai, sim, cometiam-se exageros”, disse.

Mas, mesmo no mercado financeiro, há quem discorde da atitude do BC. A consultoria Global Invest considera que todos os indicadores econômicos (queda de preços e câmbio, aumento do desemprego e inadimplência) apontavam para uma queda da Selic. “O BC mais uma vez deixou de aproveitar a oportunidade aberta pelo cenário favorável e perpetua o quadro recessivo da economia”, afirmam.

Após o anúncio da decisão, as taxas de juros futuros de curto prazo subiram. Os juros para julho passaram de 25,97% para 26,01% ao ano. Já o dólar caiu 1,25%, co-

Câmbio

Cotação de venda
(R\$/US\$)

Taxa	Maio		
	21	20	19
Mínima	2,9920	2,9900	2,9450
Máxima	3,0350	3,0400	3,0030
Fechamento	3,0020	3,0400	3,0000
Ptax*	3,0109	3,0141	2,9815

Fontes: Banco Central, InvestNews e Centro de Informações da Gazeta Mercantil * Média do Banco Central

tado a R\$ 3,002. A Ptax ficou em R\$ 3,0109, baixa de 0,11%. Na BM&F, o dólar para junho caiu 1,26% e ficou em R\$ 3,02. O C-Bond subiu 0,58%.

(Colaboraram Alessandra Taraborelli, Aluisio Alves, Simon Cavalcanti e Sabrina Lorenzi)